

do design depende de uma gama mais ampla de disciplinas, que são as seguintes: (1) Ciências Naturais; (2) Humanidades e Artes Liberais; (3) Ciências Sociais e Comportamentais; (4) Profissões e Serviços Humanos; (5) Artes Aplicadas e Criativas; e (6) Tecnologia e Engenharia. O próprio autor se questiona, no entanto, se abarcar tudo isso não seria demais para o estudo de uma única profissão. No entanto, defende sua própria sugestão, afirmando que essa amplitude é necessária para que os designers em formação compreendam a si mesmos como profissionais híbridos com visão mais extensa e geral do design [15]. Essa visão amplificada também é defendida por Moraes [24] em contraponto a um posicionamento pretensioso que valoriza apenas um único modelo formativo.

De modo mais pragmático, Bonsiepe [11] sugere, a título de exemplo, mudar o nome das disciplinas dos cursos. Ao invés de “Materiais e Processos”, seria “Materialização Industrial do Projeto”, que inclui custos, viabilidade ecológica e econômica; “História da Arte” seria substituída pelo termo mais abrangente “Integração Cultural”; no lugar de “Estética”, disciplina inventada no século XVII, ter-se-ia “Sócio-dinâmica da Cultura Quotidiana”; “Psicologia da Percepção” se transformaria em “Modos e Ritos de Uso de Artefatos”; e “Teoria do Design” poderia se chamar “Discurso do Design”, para não provocar divergências entre a teoria e a prática. O autor afirma, ainda, que não se trata de apenas uma reformulação terminológica dos conteúdos, mas sim de uma reorganização estratégica do ensino superior em Design, com revisão contínua dos programas de estudo. Ele cita ainda o exemplo de uma estrutura para um curso fundamentado em áreas de problemas. A cada semestre deveriam ser propostas, pelos professores, temáticas projetuais que seriam divididas em três grupos: (1) projetos de curta duração (duas semanas); (2) de meia duração (dois meses); e (3) longa duração (semestre), sendo que cada um desses projetos deveriam estar aliados à resolução de problemas reais.

Existem, ainda, proposições que se referem à possibilidade ou necessidade de criação de novos graus de Bacharelado em Design ou à integração de graus, iniciativa já existente em algumas universidades do mundo e que se entende como “Double Education” (Formação de Grau Duplo), como por exemplo, entre design e engenharia ou design e administração [53,54]. Para Borja de Mozota [37], a formação dupla abre novas rotas e oportunidades para a educação superior do século XXI e, consequentemente, a todos os atores envolvidos. Dentre essas novas direções poderiam estar a redefinição e o reposicionamento das escolas de design dentro das universidades, aderindo a outros departamentos e áreas do conhecimento ou, até mesmo criando novas estruturas acadêmicas [10,53].

Outras sugestões, por fim, referem-se à internacionalização dos currículos e das escolas. Para Bonsiepe [9] a integração de docentes e discentes de diferentes culturas poderia gerar um contexto de multiplicidade cultural bastante estimulante para o ensino do design ao redor do mundo. A síntese das proposições e enfrentamentos identificados nos escritos dos autores estudados é apresentada no Quadro 2.

PREMISSAS PARA SE PENSAR A EDUCAÇÃO SUPERIOR EM DESIGN NA ATUALIDADE

Mesmo que o foco principal da educação de nível superior em Design seja a formação de mão de obra para o mercado do trabalho, considera-se importante ter consciência de que novos níveis de complexidade são adicionados diariamente no mundo, decorrentes das rápidas transformações e da incerteza que se fazem presente na contemporaneidade. Os designers, frente a esse contexto, de acordo com Bonsiepe [9], enfrentam desafios capciosos, visto que se espera que seu trabalho seja composto por propostas e soluções “socialmente desejáveis, tecnologicamente realizáveis, ambientalmente louváveis, economicamente viáveis e culturalmente justificáveis [...]”.